

Um analista humano: amor, amor contra(trans)ferencial e Édipo revisitado^[1]

Paulo de Moraes Mendonça Ribeiro^[2]

RESUMO: O autor explora a emoção do amor com ênfase na contratransferência do analista. Propõe elementos do mito do Fio de Ariadne como pictogramas a rastrear os papéis e as funções do analista na relação íntima consigo mesmo e com o analisando. Utiliza a controversa conceituação de Searles (1959/1965) sobre o Complexo de Édipo, na qual o amor romântico e sexual da criança é, de fato, correspondido pelo seu genitor, para propor uma nova compreensão do manejo clínico da transferência e contratransferência erótica.

PALAVRAS-CHAVE: amor, Complexo de Édipo, contratransferência, Harold Searles, transferência erótica

1. O presente trabalho foi apresentado na aula de encerramento do ano letivo de 2021 do Instituto de Psicanálise da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Ribeirão Preto (SBPRP), no dia 26 de novembro de 2021, no formato híbrido.

2. Psiquiatra. Membro efetivo com funções didáticas da SBPRP e membro efetivo da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP).

O que é o amor contratransferencial em comparação ao amor “não contratransferencial”?
O primeiro é menos real do que o segundo? (Ogden, 2014, p. 223)

Mesmo uma “linda mulher” é uma sombra de uma sombra de uma sombra. (Bion, 1975/1989, p. 216)

A estória mítica sobre o Fio de Ariadne contém “modelos”^[3] (Bion, 1962) úteis para a reflexão sobre o tema proposto. Resumidamente, o mito narra a trajetória de Ariadne, filha do soberano de Creta, que se apaixonou por Teseu, herói de Atenas. Ariadne se interessou pelo rapaz quando ele se entregou ao desafio de matar o Minotauro, um monstro híbrido com corpo de homem e cabeça de touro que ocupava o labirinto edificado por Dédalo. Teseu tomou essa decisão ao saber que sua terra natal deveria entregar como tributo uma cota anual de sete moças e sete moços, os quais seriam oferecidos em sacrifício ao monstro, um canibal facinora.

A estrutura labiríntica do Palácio de Cnossos tinha caminhos enredados, impossibilitando que se saísse dela, mas Ariadne, astuta, ofereceu dois itens ao seu amado Teseu: uma espada e um fio guia, o famoso Fio de Ariadne, um novelo tecido por ela que o guiaria de volta ao exterior do labirinto. Ela amarrou uma ponta do fio na cintura de Teseu e segurou firmemente o carretel do novelo na porta do labirinto enquanto ele cumpria sua tarefa heroica; uma vez morto o Minotauro, Teseu seguiu o fio de volta e saiu do labirinto.

Proponho mantermos em mente os seguintes “pictogramas” dessa narrativa:^[4] labirinto, Minotauro, Teseu, Ariadne, fio de Ariadne. Eles podem ser “bússolas” (guias ou vetores) na jornada sobre o tema proposto: os afetos amorosos na clínica psicanalítica e suas possíveis evoluções.

Labirinto e Minotauro

Do que é feita a psicanálise? Não me refiro à “Psicanálise com P maiúsculo”, mas à psicanálise clínica, aquela que praticamos no dia a dia de nossos consultórios. Certa vez um supervisor me disse que a psicanálise era basicamente uma relação

3. Procurando explorar a questão de como um analista pode se comunicar sobre uma experiência emocional sem cair em teorizações ou no emprego de jargões, Bion (1962) propôs o uso de *modelos* para ilustrar aquilo que se pretende comunicar ao analisando da forma mais simples e direta possível (“linguagem de êxito”). Um modelo é algo concreto que busca se encaixar precisamente com a experiência e geralmente tem qualidades sensoriais e narrativas. Modelos podem ser buscados em elementos da cultura que sejam familiares ao analisando e ao analista; portanto, narrativas retiradas da natureza, da biologia ou das artes em geral, como os mitos, os contos-de-fadas, filmes etc., são eficientes modelos. Um exemplo clássico, usado por Bion, seria imaginarmos o canal alimentar como modelo para o processamento psíquico das experiências emocionais; assim como o canal alimentar digere o alimento ingerido transformando-o em elementos úteis ao organismo, a mente, através de sua função alfa, precisa captar e elaborar os elementos da experiência, convertendo-os em elementos psíquicos passíveis de sonhos/pensamentos (os elementos alfa).

4. “O termo ‘pictograma’ é definido como tradução de ideias em cenas figurativas e simbólicas. Usamos pictograma afetivo de um modo semelhante, mas não idêntico, para nos referir a uma forma muito inicial de representação mental de experiências emocionais, fruto da função alfa, que cria símbolos, por meio de figurações, para o pensamento onírico, como base e o primeiro passo para os processos de pensamento.” (Barros & Barros, 2017, p. 40)

continente ↔ contido (♀♂), e desenhou isso para mim. Precisei do desenho, na época. O continente ♀ representa a mente/personalidade do analista, o contido ♂ as mais diversas formas de associação trazidas pelo analisando para a relação real e atual com seu analista. A seta de mão dupla (↔) indica que nada disso é estático, pelo contrário, ambos os vértices são intercambiáveis, ora o analista pode ser o continente, ora o analisando o é... e os conteúdos transitam em ambas as direções, simultaneamente, dialeticamente. O continente visa expansões, seja o do analisando ou o do analista.

Bion (1962) referiu que o continente ♀ é desenvolvido por laços afetivos entrelaçados – “fios tecidos por emoções” – e que a função psíquica que denominou de “*rêverie*” tem como fator o “amor da mãe pelo seu marido”. Para Bion, o continente representa a função psíquica que permite o acolhimento, a transformação e a compreensão das experiências emocionais e psíquicas vivenciadas desde a mais tenra infância. ♀ é essencial para o processo de desenvolvimento psíquico e para a qualidade efetiva de todas as nossas relações futuras. Mas do que ele é feito? Qual sua natureza? Ao propor que o continente é fruto de laços afetivos (“fios tecidos por emoções”), Bion enfatiza a importância das relações interpessoais para o desenvolvimento do continente psíquico e, além disso, acrescenta como fator fundamental nos primórdios do desenvolvimento da mente humana a qualidade amorosa da relação da mãe pelo genitor de seu filho.^[5] Como continente e contido são elementos dinamicamente intercambiáveis na relação analítica/humana, e acreditando com convicção nas formulações descritas – a saber, (1) que continente e contido são tecitura do afeto (experiências emocionais compartilhadas) e (2) que a *rêverie*, fator da função alfa materna, existe a partir de uma triangulação amorosa –, proponho revisitarmos o conceito central da psicanálise, o Complexo de Édipo, agora sob um novo vértice, um pouco menos usual.

5. Bion (1991/2000) refere que os *tropismos* são a matriz a partir da qual brota toda a vida mental e que, para sua maturação ser possível, eles precisam ser resgatados do vazio e comunicados. Esse termo foi inspirado em botânica (como no heliotropismo de um girassol) e refere-se às mais primordiais buscas pelo continente. Bion afirma que, assim como a criança precisa de um seio (ou seu equivalente) para sustentar a sua vida física, é preciso que haja uma contraparte mental, o “seio primitivo”, para que a vida mental seja mantida (p. 48). É o seio primitivo/mãe que acolhe os *tropismos* do lactente e os modifica, desintoxicando-os das características intoleráveis à mente incipiente. Ele é alimento mental, o correspondente psíquico do leite que o seio realístico oferece. Os componentes sensoriais da experiência, ao serem captados pelos órgãos sensoriais (visão, audição, olfato, tato, paladar), passam a constituir elementos beta, passíveis de metabolização pela função alfa do seio primitivo e de tornarem-se elementos sonháveis pelo bebê. Ao nascer, e quem sabe mesmo antes disso, o bebê necessita da mente de um outro ser humano para se desenvolver (Bion, 1962, 1963/1984, 1965). O ambiente (a mãe ou substituto) capaz de acolher os *tropismos* do lactente mostrará a este que existe algo que responde ao seu movimento “trópico”, inaugurando, assim, as relações continente ↔ contido (♀♂). Através do intercâmbio de projeções e introjeções, as angústias e percepções sensoriais primitivas do lactente (elementos beta) são projetadas no continente (♀) via identificações projetivas. Se ♀ tiver condições mínimas suficientes, acolherá tais projeções (♂) e, fazendo uso de sua capacidade de *rêverie* e função alfa, “tratará e bonificará” (Ferro, 2005) esse material, devolvendo-o ao lactente na forma de elementos alfa passíveis de armazenamento na memória e de utilização para atividade onírica diurna e noturna (capacidade para “sonhar”). Embora esse seja o trabalho rotineiro de toda mãe (e de todo analista em sua práxis), ele não tem nada de fácil; para inaugurar as relações continente ↔ contido (♀♂) na mente de seu lactente, uma mãe necessita ter em sua própria mente essas funções em bom estado; daí a ênfase de Bion no amor da mãe pelo pai do *infans*, que representa (e sustenta) essa função (♀♂) da mente materna.

Grosseiramente, sintetizamos a história natural do Complexo de Édipo (Freud, 1910/1996, 1921/1996, 1923/1996, 1924/1996, 1925/1996) como o desejo sexual vivido pela criança na configuração triangular da relação com os pais, na qual predomina o amor romântico^[6] da criança por um dos seus pais, seguido por intenso ciúme, rivalidade e desejos/fantasias assassinas em relação ao outro genitor. Em função da angústia de castração, que passa a assombrar a criança diante desse quadro passional, tal configuração evolui para uma renúncia covarde (e cheia de sentimento de culpa) aos desejos incestuosos em relação aos pais; dada sua inferioridade física e dependência dos pais, a criança, envergonhadamente, abdica de seu universo desejado/fantasiado. Todo esse genial “drama novelesco” concebido por Freud culmina na formação do Superego do indivíduo, com a introjeção dos pais edípicos como imagos internas ameaçadoras e punitivas.

Todos nós temos a oportunidade (aterradora) de conhecer essa “novela” em nossas análises pessoais. Sou muito grato ao analista que me apresentou o “Macaco Louco” que me habita. O Macaco Louco é um personagem de um desenho animado da década de 1990 intitulado *As Meninas Superpoderosas*, que conta a história de três garotinhas com superpoderes: Florzinha, Lindinha e Docinho. Elas foram criadas pelo Prof. Utônio, que acidentalmente derrubou o Elemento X nelas, ocasionando-lhes os superpoderes. Nesse “modelo”, o Prof. Utônio representa o pai bom, amoroso e cuidadoso, e o Macaco Louco é seu negativo, o pai edípico incestuoso (filicida), cujo objetivo é destruir as Meninas Superpoderosas e dominar o mundo... Na vida real, por mais analisados que sejamos, sabemos que estamos expostos ao “dramalhão” das paixões edípicas. O que fazer? Rezar? Fugir? Fazer de conta que isso é maluquice de Freud e que não existe? Não adianta...

Entretanto, podemos conceber a história natural do Complexo de Édipo por um vértice um pouco diferente. Se houver continência e coragem^[7] suficientes para a intensidade das paixões edípicas, podemos vislumbrar um outro horizonte em cena: a história vivenciada por uma criança na qual um amor romântico e sexual seja, de fato, correspondido pelo seu genitor. A partir desse vértice, as fantasias/desejos amorosos e sensuais de se casar, formar uma família e um lar com o genitor em questão são correspondidas, o que não exclui os sentimentos ligados à rivalidade e ao ciúme em relação ao outro genitor, com os característicos desejos parricidas, matricidas e filicidas. Entretanto, a partir desse vértice, essas emoções ocorrem numa versão novelística muito mais pacífica do que a concepção apresentada por Freud.

O psicanalista norte-americano Harold Searles (1918-2015), infelizmente pouco

6. Amor romântico: nessa fase, se tudo corre naturalmente, o amor edípico da criança pelos pais é caracterizado pela predominância dos componentes afetivos do mundo da fantasia infantil; muito mais do que pelos componentes de natureza mais sexual, a criança sonha ser o parceiro/companheiro de seu pai ou mãe nas coisas mais cotidianas da vida, e não necessariamente na cama.

7. “Em psicanálise, ao nos aproximarmos do inconsciente – ou seja, daquilo que não conhecemos – tanto o paciente como nós, analistas, certamente ficaremos perturbados. Em todo e qualquer consultório, deve haver duas pessoas minimamente espantadas: o paciente e o psicanalista. Se ambos assim não estiverem, é de se perguntar por que estão se dando ao trabalho de descobrir algo que todo mundo sabe.” (Bion, citado por Banet, 1976/2014, p. 155, tradução livre)

conhecido em nosso meio, foi um clínico inventivo e ousado, um tanto polêmico nas publicações sobre sua prática clínica. Ele propõe, no trabalho “Oedipal love in the countertransference”^[8] (Searles, 1959/1965), que a experiência edípica vai muito além de a criança se sentir culpada por seus desejos incestuosos e assassinos voltados contra os pais e derrocada pelo terror da angústia de castração, que a faz desistir de seu sonho de amor. Ao contrário, para Searles o Complexo de Édipo saudável corresponde a uma linda estória de “amor e perda” (Ogden, 2014). Na sua “novela”, um “amor romântico” é, de fato, vivenciado reciprocamente pelo par genitor ↔ criança, contudo, com a garantia áurea, firme e amorosa, por parte de ambos os pais, de que seus papéis e suas funções serão preservados de forma intacta, tanto como pais da criança quanto como casal. A criança sente-se reassegurada pelo comportamento tranquilo e amoroso dos pais que, espontaneamente, expressam seu amor tanto pela criança quanto pelo outro genitor; nesse modo, os afetos e poderes circulam livremente entre vértices do triângulo edípico.

A partir desse vértice do Complexo de Édipo, a criança tem a experiência de que seu amor romântico e sexual (ou seja, sua fantasia de natureza mais afetiva acrescida pela fantasia de natureza mais sensorial) é reconhecido, valorizado e correspondido, ao mesmo tempo que se sente segura e protegida pela “realidade limitante maior” (Searles, 1965/1965) que lhe é apresentada de forma ética (e nada moralista) através da convicção dos pais a respeito de sua função em relação à criança. Assim, ambos o amor edípico correspondido e a dor da perda ligada à renúncia à concretização desse amor fortalecem a criança psiquicamente e expandem sua capacidade para lidar com as inúmeras e inevitáveis frustrações da vida.

Figura 1 – Autorretrato de minha filha mais velha



Fonte: acervo do autor.

Ganhei essa pintura da minha filha mais velha, é um autorretrato de quando ela contava poucos aninhos. Guardo-a próximo do meu coração; é uma “vacina” a me preparar para a dor de ela ser minha filha, mas não ser, nem nunca ter sido, minha.

8. “Amor edípico na contratransferência”, em tradução livre.

Percebam que o coração na parte superior esquerda está dividido, revelando que há um amor romântico que vem na minha direção, ao mesmo tempo que há o prenúncio, a “pré-monição”,⁹ de que seu amor futuro será devotado ao meu suposto “rival”, seu futuro companheiro(a). O reconhecimento do amor edípico por parte dos pais colabora para a aceitação de que é preciso abdicar dessa relação amorosa com o genitor. Essa renúncia também é uma experiência de comunhão, de reciprocidade, tanto para a criança como para o genitor, e se faz em deferência a uma realidade limitante sabidamente maior do que a realidade narcísica da dupla. Essa realidade leva em conta a grupalidade familiar e engloba não apenas o tabu do incesto, proibido pelo genitor-rival, mas também o amor do genitor desejado em relação a seu cônjuge, um “amor anterior ao nascimento da criança e ao qual ... ela deve sua própria existência” (Searles, 1959/1965, p. 302).

Na opinião de Searles (1959/1965), o que minha observação de mim mesmo e dos meus amados corrobora, o “herdeiro” do Complexo de Édipo não é exatamente a formação do Superego (como propôs Freud), mas a encarnação de um “senso de si próprio” como pessoa singular, valiosa, amorosa e capaz de reconhecer e aceitar as (dolorosas) limitações impostas pela vida.

Teseu e Ariadne

Teseu foi o herói que tinha como missão adentrar o perigoso labirinto e se encontrar com a fera metade homem, metade touro. Podemos conjecturar esse fragmento do mito como simbolizando o trabalho do analista que, corajosamente, deve penetrar nos domínios labirínticos das partes psicóticas da personalidade (Bion, 1957/1994), buscando criar o discernimento entre o que é “humano” e o que é “besta” em cada um de nós.

Pablo Picasso, genialmente, criou uma série de gravuras e desenhos que retratam esses movimentos. Nessas obras, ele representa o Minotauro como um cego (louco), guiado por uma jovem menina (♀). A menina leva em uma das mãos uma vela (luz/conhecimento), ou então um ramo de flores do campo (humildade); com a outra mão segura a mão gigante do homem-touro, guiando-o pelo escuro. Estão ambos plácidos, num clima de aceitação e colaboração.

Pensemos a imagem picassiana como pictograma sobreposto ao pictograma do mito em questão. Ariadne teceu um “fio feito de emoção”, uma emoção que podemos pensar ser predominantemente amorosa (“vínculo L”, Bion, 1962). Na relação analítica, o vínculo predominante é o do conhecimento (K), mas, como sabemos, conhecimento que não é mediado por amor não gera “sabedoria” (Bion, 1997/2017), apenas mais e mais conhecimento. Sabedoria está relacionada ao aprender com a experiência emocional vivida, compartilhada na parceria real e verdadeira (“transformações em

9. Martha Ribeiro (2010, 2010/2023), no texto “Premonições na experiência analítica”, nos demonstra que premonições se relacionam a pré-emoções e pré-ações; propõe que a captação de “premonições” pode promover transformações em pensamento, antecipando e prevenindo possíveis *acting in/out*. Sapienza e Junqueira Filho (1997) afirmam que “premonição” seria um pré-sentimento, uma advertência antecipada, um fato que deve ser tomado como aviso.

O”, Bion, 1965) ao longo do tempo. Como viver algo dessa natureza se não for mediado por emoções da ordem do amor?

O vínculo do conhecimento (K) é inerente à relação analítica, afinal de contas, a análise é do – e para o – analisando. Ele nos procura e nos contrata para colaborarmos na jornada labirinto adentro em sua mente, sua personalidade. Uma análise baseada em “tornar consciente o inconsciente” (Freud, 1915/1996) certamente pode ser muito útil para o analisando, mas não necessariamente implica uma expansão em direção a O. A experiência emocional compartilhada sob o predomínio das transformações em O requer a mediação do vínculo do amor (L).

Na evolução dos processos do pensamento, Bion (1962, 1963/1984) nos ensinou que *preconcepções* evocam *realizações*. Algumas vezes nos são apresentadas situações de vida nas quais o analisando não vivenciou, pelo menos não suficientemente, *realizações* de algumas de suas *preconcepções* primitivas. Em nosso meio, Junqueira de Mattos (1994/2018), no seu importante trabalho “Pré-concepção e transferência”, nos apresenta a conjectura teórica de que nossas *preconcepções* não-realizadas são matéria-prima para a relação transferencial com o analista. Elas se desdobram como a cadeia de nosso DNA, estão em busca de encontrar sua *realização* e são reeditadas na relação com o analista com essa finalidade. Quando realizada, a *preconcepção* evolui para nova insaturação, abrindo caminho para novas *preconcepções* em busca de novas *realizações* (positivas e negativas), assim por diante...

Fragmentos

Num determinado momento da análise, uma analisanda vive uma intensa e dolorosa ternura pelo seu analista. Declara seu amor ao analista. Faz uma singela pintura para ele... Ela não está esperando interpretações (K) sobre o que está vivendo, mas o reconhecimento das suas emoções como reais, genuínas e atuais, com compaixão madura e correspondência ética. Dependendo de uma série de fatores, a paciente pode ser capaz, inclusive, de pedir o analista em casamento... e sonhar com os filhos que farão juntos... Conjecturando livre e criativamente, podemos imaginar que, em alguma dimensão paralela do tempo-espaço, ambos poderiam se encontrar em uma casa de campo, ou numa velha casa praiana, de caiçaras, onde viveriam de forma simples, vendendo queijo coalho assado na praia e se alimentando do amor mútuo. Se forem casados, primeiro resolveriam suas pendências familiares e então montariam seu lar, teriam seus filhos, netos etc.

Noutras dimensões semelhantes: certa vez encontrei um analisando na saída de uma festa de confraternização da SBPRP (que ocorrera num restaurante aberto ao público). Após o corriqueiro aperto de mão, já na rua, minha esposa me perguntou quem era aquele “moço bonito”, e lhe respondi prontamente que era “meu filho”... Precisei dar umas explicações... Mas agora ele vinha trazer o seu bebê para conhecer o “avô”. Num belo dia, abri a porta da sala de espera para chamá-lo, e lá estava uma linda família. Esse é o mesmo rapaz que, muitos anos antes, nos nossos princípios,

dizia que iria me sodomizar na sessão e deixar marcas de esperma por toda a sala para os demais analisando saberem que eu era (só) dele.

Conjectura imaginativa (Bion, 1997/2017, 1977/2017): quando se pode esperar suficientemente, um “portal interdimensional” (Ribeiro, 2019) se abre para uma “realidade paralela” na qual o amor pelo analisando se manifesta com clareza tal que atuações não são mais necessárias, pois as *realizações* são suficientes para elaborar as *preconcepções* que as demandam. O “moço bonito” é, sim, o meu filho, ou neto, ou irmão, ou companheiro de um casamento homoerótico. A moça da tela singela é minha esposa amada, e temos um filho... O fato de o ser numa outra dimensão de tempo-espaço é pouco relevante se estivermos lidando com a verdade da emoção.^[10]

Analisando(a) + lar, casamento, família... Conceber imaginativamente a relação com um(a) analisando(a) como um casamento, uma família, uma parceria fraterna etc., sem nos desviarmos da áurea função psicanalítica da dupla... Por que não?

O analista deve ser capaz de se questionar seriamente esses “por que não?”. Deve ser capaz de conjecturar imaginativamente (Bion, 1977/2017; Chuster, 2018) como seria a vida ao lado daquela pessoa que está disposta a largar tudo que construiu até hoje e “fugir” com ele para uma cabana na praia, ou na montanha, ou onde for... Deve ser capaz de sonhar com isso, mesmo sabendo ser esse um “sonho impossível”. Por que impossível? A rigor não o é; o analisando ou a analisanda não é nem meu parente nem nada... e temos tanta afinidade, nossa relação é tão especial... somos adultos, donos do próprio nariz, e não devemos satisfação a ninguém... Será?

Freud, em suas “Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise” (1912/1996, 1913/1996, 1914/1996), parece ter sentido que nós precisávamos de muitas orientações; disse que não queria nos trazer “mandamentos”, mas os trouxe. Provavelmente, os analistas por muito tempo precisaram de regras severas, afinal, as análises didáticas eram muito mais breves que as atuais, e o corpo teórico-clínico da psicanálise era muito mais restrito. É inegável a expansão da nossa capacidade de auto-observação. Depois de Bion (1957/1994, 1962, 1963/1984, 1965, 1970/2006, 1975/1989), fica praticamente impossível o analista não se auto-observar concomitantemente à observação da psicodinâmica do analisando e da dupla.

Numa análise, o que existe de fato é uma relação entre duas pessoas. Na vida, só existem relações. Desde dentro do útero materno estamos mergulhados em relações continente ↔ contido (♀♂), inicialmente de natureza mais sensorial, depois enriquecidas pelas relações de qualidade mais emocional. Numa análise, quanto mais o vértice for a busca da Verdade, mais vamos ver o quanto estamos intrincados na relação.

10. O cineasta norte-americano Clint Eastwood, analisando de Bion, em uma entrevista ao periódico *Sacramento Union* sobre sua análise, contou que Bion lhe disse: “Veja bem, Mr. Clint ... Estamos ambos pensando e analisando um ao outro com liberdade. *Existe um ponto entre nós que é impossível decidir a quem pertence. Esse ponto sobre o qual nada sabemos é onde se pode evoluir [destaque meu]*” (Psicanálise, poesia, literatura, fotografia e abstrações, 2020).

Fio de Ariadne

Quando nosso deus é a Verdade, e estamos devotos a ele, a “oração” vigente é receptividade (Searles, 1959/1965), hospitalidade (Assis, 2011) e adoção (Sapienza, 2001) ao que ocorre em cada momento da análise. Isso requer sensibilidade apurada às comunicações inconscientes que emanam na dupla. Essas comunicações inconscientes geralmente têm origem no analisando; a cadência das *preconcepções* → *realizações* tem a preferência do vértice do analisando, afinal, como disse antes, a análise é dele e para ele. A captação dessas emanções exige que o analista se desnude de suas teorias, conhecimentos, ideologias, religiões etc. (“memórias e desejos” de Bion, 1970/2006) e se posicione na relação não como “psicanalista” daquele analisando, mas como ser humano devotado, engajado no processo, adotante/adotado, que leva para o encontro tudo o que compõe sua experiência pessoal, inclusive a inconsciente.

Com Searles sabemos que “uma experiência edípica bem sucedida na infância exige que o genitor edípico se apaixone profundamente pela criança edípica enquanto permanece totalmente ciente de que seu sentimento jamais sairá do território dos sentimentos” (Ogden, 2014, p. 224). Da mesma forma, para que as *preconcepções* edípicas do analisando encontrem sua *realização* favorável, muitas vezes o analista deve ser capaz de se entregar amorosamente, se apaixonar verdadeiramente pelo analisando, ao mesmo tempo que sabe claramente e reconhece que boa parte de seus desejos/fantasia jamais se realizarão.

A sinceridade do analista em acessar seu “amor romântico” (Searles, 1959/1965) pelo analisando, ao invés de exacerbar as manifestações patológicas “contra(trans)ferenciais” (Bion, 1977),^[11] promove a libertação da capacidade de trabalho analítico. Essa é a essência do próprio trabalho analítico. Algumas encruzilhadas ou impasses (RTN)^[12] poderiam, eventualmente, ser suplantados a partir da sinceridade na relação, desde que essa seja espontânea e verdadeira.

Quando a dupla não consegue acessar essas dimensões do “amor romântico”, ou carece de amor à Verdade, ou tem um excesso de “inveja primária”, ou não tolera a frustração inerente à inexecuibilidade dos seus desejos edípicos, é que tendem a ocorrer movimentos de *acting in e/ou acting out*, seja por parte do analista ou do analisando. Atuações sexuais dentro e fora do *setting* (seja com o analisando/analista ou deslocadas para terceiros), rivalizações moralistas, manipulações, abuso de substâncias, manobras assassino-suicidas, entre outras, são mais comuns do que desejaríamos.

Fio de Ariadne: o amor “contra(trans)ferencial” não é menos real do que outras

11. “So...? Investigate the caesura; not the analyst; not the analysand; not the unconscious; not the conscious; not sanity; not insanity. But the caesura, the link, the synapse, the (counter-trans)-ference, the transitive-intransitive mood.” (Bion, 1977, p. 56)

12. Reação terapêutica negativa (RTN) é um conceito que se refere a um fenômeno no qual um paciente demonstra resistência significativa ao processo terapêutico. Esse conceito foi originalmente proposto por Freud para descrever quando os pacientes começam a explorar conteúdos psíquicos mais profundos e emergem poderosas resistências inconscientes. Essas resistências podem se manifestar de várias maneiras, como resistência à introspecção, negação de pensamentos ou sentimentos desconfortáveis, hostilidade (e mesmo violência) em relação ao analista.

formas de amor; o que o diferencia de outros tipos de amor é a responsabilidade do analista em reconhecer que o amor vivenciado pelo analisando é uma dimensão inerente da relação analítica, que está sob sua observação e na qual está profundamente engajado com o analisando. O analista foi contratado para viver uma “epopeia” em meio à vida do analisando, essa jornada é de enorme responsabilidade, e se esperam “resultados práticos” em termos de qualidade de vida do analisando. A função do analista, assim como suas responsabilidades pelo processo, é mediada pela sua sinceridade para consigo mesmo, pelo que sente ↔ pensa, bem como pelo seu amor à psicanálise (Caper, 1998/2002). Esses fatores abalizam o analista na relação com o analisando; quanto mais o analista tem acesso e experiência consigo próprio, mais estará livre para viver a relação com o analisando com naturalidade e espontaneidade (transformações em O).

Costumamos dar o nome de “psicanálise” a essa relação tão especial que temos o privilégio de viver com algumas das corajosas pessoas que nos procuram. Amamos tanto a nossa práxis, vamos cuidar bem dela!

Un analista humano: amor, amor contra(trans)ferencial y Edipo revisitado

Resumen: El autor trabaja la emoción del amor con énfasis en la contratransferencia del analista. Propone elementos del mito del Hilo de Ariadna como pictogramas que rastrean los papeles y las funciones del analista en la relación íntima consigo mismo y con el analizando. Utiliza la controvertida concepción de Searles (1959/1965) sobre el Complejo de Edipo, en la que el amor romántico y sexual del niño es, de hecho, correspondido por su progenitor, para proponer una nueva comprensión del manejo clínico de la transferencia y contratransferencia erótica.

Palabras clave: amor, Complejo de Edipo, contratransferencia, Harold Searles, transferencia erótica

A human analyst: love, counter(trans)ferential love, and the Oedipus Complex revisited

Abstract: The author explores the realm of love, placing particular emphasis on the analyst's countertransference. He proposes utilizing elements from the myth of Ariadne's Thread as pictograms to trace the roles and functions of the analyst in their intimate relationship with both themselves and the analysand. Employing Searles's (1959/1965) contentious conceptualization of the Oedipus Complex, in which the child's romantic and sexual love is indeed reciprocated by their parent, the author introduces a novel perspective on the clinical management of erotic transference and countertransference.

Keywords: love, Oedipus Complex, countertransference, Harold Searles, erotic transference

Referências

- Assis, M. B. A. C. (2011). Voilà mon coeur: o gesto amoroso do analista. *Ide*, 34(52), 193-205. <https://bit.ly/3PLeEdk>
- Banet, A. G., Junior. (2014). Interview by Anthony G. Banet, Jr. [Entrevista com Wilfred Bion]. In W. R. Bion, *The complete works of W. R. Bion* (Vol. 10, pp. 147-164). Karnac. (Trabalho original publicado em 1976)
- Barros, E. M. R., & Barros, E. L. R. (2017). Transformação das formas simbólicas em sonhos. *Jornal de Psicanálise*, 50(93), 37-52. <https://bit.ly/3LNPvgO>
- Bion, W. R. (1994). Diferenciação entre a personalidade psicótica e a personalidade não-psicótica. In *Estudos psicanalíticos revisados (Second thoughts)* (W. M. M. Dantas, Trad.; pp. 55-77). Imago. (Trabalho original publicado em 1957)
- Bion, W. R. (1962). *Learning from experience*. Karnac.
- Bion, W. R. (1965). *Transformations: change from learning to growth*. Karnac.
- Bion, W. R. (1977). *Two papers: The Grid and Caesura*. Imago.
- Bion, W. R. (1984). *Elements of psycho-analysis*. Karnac Books. (Trabalho original publicado em 1963)
- Bion, W. R. (1989). *Uma memória do futuro: Vol. 1. O sonho* (P. C. Sandler, Trad.). Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1975)
- Bion, W. R. (2000). *Cogitações* (E. H. Sandler e P. C. Sandler, Trads.). Imago. (Trabalho original publicado em 1991)
- Bion, W. R. (2006). *Atenção e interpretação* (P. S. Sandler, Trad.; 2a ed.). Imago. (Trabalho original publicado em 1970)
- Bion, W. R. (2017). *Seminários italianos* (A. G. Growald, Trad.). Blucher; Karnac. (Trabalho original publicado em 1977)
- Bion, W. R. (2017). *Domesticando pensamentos selvagens* (L. C. U. Junqueira Filho, Trad.). Blucher; Karnac. (Trabalho original publicado em 1997)
- Caper, R. (2002). *Tendo mente própria: uma visão kleiniana do self e do objeto* (H. Pedreira, Trad.). Imago. (Trabalho original publicado em 1998)
- Chuster, A. (2018). *Simetria e objeto psicanalítico: desafiando paradigmas com W. R. Bion*. Trio Estúdio.
- Ferro, A. (2005). *Fatores de doença, fatores de cura: gênese do sofrimento e da cura psicanalítica* (M. Petriccioni, Trad.). Imago.
- Freud, S. (1996). Um tipo especial de escolha de objeto feita pelos homens (Contribuições à psicologia do amor I). In *Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Vol. 11. Cinco lições de psicanálise, Leonardo da Vinci e outros trabalhos (1910)* (C. S. Costa, Trad.; pp. 171-180). Imago. (Trabalho original publicado em 1910)
- Freud, S. (1996). Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise. In *Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Vol. 12. O caso Schreber, Artigos sobre técnica e outros trabalhos (1911-1913)* (J. Salomão, Trad.; pp. 125-133). Imago. (Trabalho original publicado em 1912)
- Freud, S. (1996). Sobre o início do tratamento (Novas recomendações sobre a técnica da psicanálise I). In *Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Vol. 12. O caso Schreber, Artigos sobre técnica e outros trabalhos (1911-1913)* (J. Salomão, Trad.; pp. 139-158). Imago. (Trabalho original publicado em 1913)
- Freud, S. (1996). Observações sobre o amor transferencial (Novas recomendações sobre a técnica da psicanálise III). In *Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud:*

- Vol. 12. *O caso Schreber, Artigos sobre técnica e outros trabalhos (1911-1913)* (J. Salomão, Trad.; pp. 177-188). Imago. (Trabalho original publicado em 1914)
- Freud, S. (1996). O inconsciente. In *Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Vol. 14. A história do movimento psicanalítico, Artigos sobre metapsicologia e outros trabalhos (1914-1916)* (J. Salomão, Trad.; pp. 171-222). Imago. (Trabalho original publicado em 1915)
- Freud, S. (1996). Psicologia de grupo e análise do ego. In *Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Vol. 18. Além do princípio do prazer, Psicologia de grupo e outros trabalhos (1920-1922)* (J. Salomão, Trad.; pp. 89-179). Imago. (Trabalho original publicado em 1921)
- Freud, S. (1996). O Ego e o Id. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Vol. 19. O Ego e o Id e outros trabalhos (1923-1925)* (J. Salomão, Trad.; pp. 25-80). Imago. (Trabalho original publicado em 1923)
- Freud, S. (1996). A dissolução do Complexo de Édipo. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Vol. 19. O Ego e o Id e outros trabalhos (1923-1925)* (J. Salomão, Trad.; pp. 193-199). Imago. (Trabalho original publicado em 1924)
- Freud, S. (1996). Algumas consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Vol. 19. O Ego e o Id e outros trabalhos (1923-1925)* (J. Salomão, Trad.; pp. 277-286). Imago. (Trabalho original publicado em 1925)
- Mattos, J. A. J. (2018). Pré-concepção e transferência. In *Impressões de minha análise com Wilfred R. Bion e outros trabalhos* (pp. 267-312). Blucher. (Trabalho original publicado em 1994)
- Ogden, T. H. (2014). “Amor edípico na contratransferência” e “Identificação inconsciente” de Harold Searles. In *Leituras criativas: ensaios sobre obras analíticas seminais* (T. M. Zalberg, Trad.; pp. 219-244). Escuta.
- Psicanálise, poesia, literatura, fotografia e abstrações. (2020, 11 de outubro) *Clint Eastwood e Wilfred Bion – tempestades emocionais e o processo psicanalítico* [Postagem]. Facebook. <https://bit.ly/46BbcsV>
- Ribeiro, M. M. M. (2010). Premonições na experiência analítica: intuição e teorias de observação. *Berggasse 19*, 1(1), 136-153.
- Ribeiro, M. M. M. (2023). Premonições na experiência analítica: intuição e teorias de observação. In *Rêverie hostil, Premonições na experiência analítica e textos selecionados* (pp. 219-242). Blucher; SBPRP. (Trabalho original publicado em 2010)
- Ribeiro, P. M. M. (2019). Arte, arte da psicanálise e a pessoa do analista: conjeturas imaginativas com multiverso, dobras espaciais e buracos negros. *Berggasse 19*, 9(1), 139-159.
- Sapienza, A. (2001). Analogias entre adoção e psicanálise. *Ide*, (34), 3-5.
- Sapienza, A., & Junqueira, L. C. U., Filho. (1997). Eros tecelão de mitos. In M. O. A. F. França (Org.), *Bion em São Paulo: ressonâncias* (pp. 185-200). SBPSP.
- Searles, H. F. (1965). Oedipal love in the countertransference. In *Collected papers on schizophrenia and related subjects* (pp. 284-304). International Universities Press. (Trabalho original publicado em 1959)

Paulo de Moraes Mendonça Ribeiro

Endereço: Alameda Léo Gomes de Moares, 515, Terras de Santa Martha. Ribeirão Preto/SP.

CEP: 14037-400

Tel.: (16) 3623-2157

E-mail: paulo.m.ribeiro.psi@gmail.com